

Senadores revoltam-se contra chuva de dinheiro

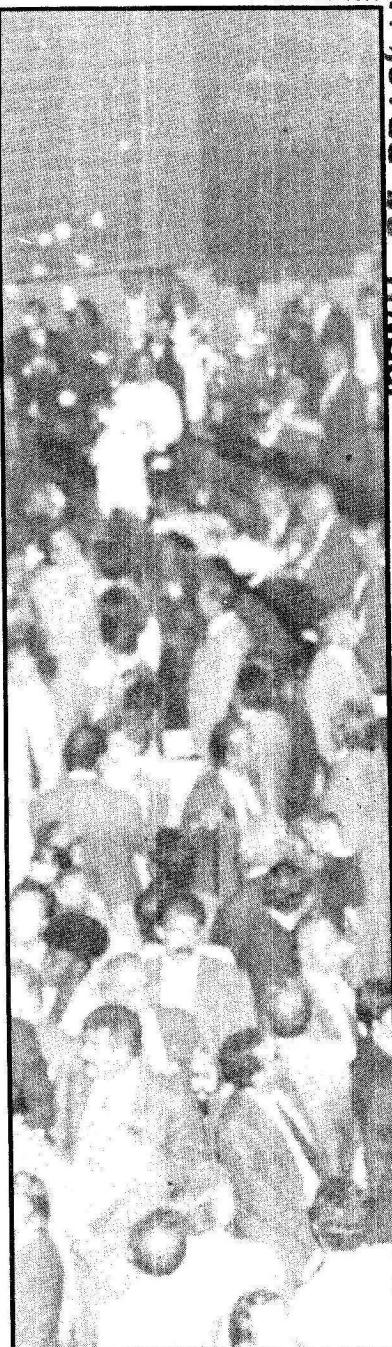
SCHEILA BERNADETE

A chuva de dinheiro que caiu sobre os parlamentares depois da aprovação da política salarial do governo, na última quarta-feira, foi o assunto dominante no plenário do Senado durante toda a tarde de ontem. Dizendo-se "humilhados", os senadores exigiram rigorosas provisões das mesas das duas Casas do Congresso para impedir novas manifestações deste tipo. Entre idéias para conter o ímpeto popular, está a implantação de uma ampla vidraça nas galerias.

"O que vimos foi um tipo de pressão inadmissível", iniciou o protesto, o vice-líder do Governo, senador Jutahy Magalhães (PSDB-BA), para o qual a manifestação não estava aliada a qualquer tipo de democracia. "Foi democratismo", justificou. O vice-líder do PFL, senador Élcio Álvarez teve a explicação: "É porque não foi o povo que estava presente nas galerias. Adeptos do PT assumiram a identidade e grupos de deputados petistas acompanharam nas vaias".

A indignação também foi grande no PPR, que votou dividido. "É o jogo da desmoralização do inimigo. Isto é fascismo puro", observou o presidente do PPR, senador Esperidião Amin. Ele culpou, especialmente, a Mesa do Congresso: "Patrocinou o espetáculo humilhante por omissão e porque queria fazer mídia". "Nós somos testemunhas de que o presidente e o vice do Congresso (senadores Humberto Lucena e Chagas Rodrigues) fizeram as advertências democráticas nos momentos precisos", defendeu

20 AGO 1993



Das galerias, choveu dinheiro

Givaldo Barbosa

o senador Cid Carvalho, em nome do PMDB.

O líder do Governo, senador Pedro Simon (PMDB-RS) culpou os próprios políticos. "De certa forma, todos nós somos um pouco responsáveis", admitiu, ao ressaltar a imagem negativa de parlamentares. O senador sugeriu um vidro à prova de balas, como forma de não proibir a presença do povo no Congresso. "Iria assistir e não influenciar", afirmou, sem se lembrar que quando isto ocorria na época em que o PMDB era oposição, ele e seus companheiros "achavam bacana".

"Só fechando as galerias", seria a solução para o senador Ney Maranhão, líder do PRN. Ele entende que se isto não for feito a pressão será muito maior durante a revisão constitucional. O senador Jarbas Passarinho (PPR-PA) — um dos mais revoltados — acredita que deverá haver um maior rigor da Mesa, de hoje em diante, mas repara a proibição do acesso ao público. Recebeu o elogio do senador Eduardo Suplicy (PT-SP).

O líder petista era o mais sacrificado com o protesto, pelas razões óbvias. "Não aplaudo tudo o que partiu das galerias, mas jamais fechar o Parlamento aos cidadãos", afirmou, lembrando que ele próprio subiu às galerias para tentar apaziguar os ânimos, o que foi mal interpretado por outros parlamentares, como se fosse incitar as vaias. Diplomata, Suplicy salientou que enquanto os senadores discutiam um fato já ocorrido, esqueciam "o massacre dos índios ianomami".